

O CAMINHO COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR DA CRONOTOPIA NA VIAGEM QUIXOTESCA

6

THE PATH AS A STRUCTURING ELEMENT OF THE CHRONOTOPIA IN THE QUIXOTIC JOURNEY

José Antonio Romero CORZO

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: joseromeroorza@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4264-0343>

Walace RODRIGUES

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: walace@mail.uft.edu.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9082-5203>

RESUMO

O objectivo deste artigo é apresentar a nossa análise qualitativa do caminho como um elemento estruturante da cronotopia na viagem quixotesca. Para tal, baseamos a nossa análise no estudo realizado pelo semiótico espanhol José María Paz Gago (1995). Destacamos aqui a estruturação em intriga da Primeira e Segunda Partes do "Quixote", através da descrição da sua macro-sequência global, micro-sequências e funções narrativas. Em conjunto, explicamos as características da viagem de aventuras de Dom Quixote e Sancho Panza, com base na solidariedade existente entre as dimensões temporal e espacial do romance de Cervantes. E, finalmente, expomos as formas como a poética realista do movimento na viagem de Dom Quixote está indissociavelmente ligada ao cronotopo do caminho.

Palavras-chave: Semiótica, narrativa, viagem, caminho, cronotopo.

ABSTRACT

The aim of this article is to present our qualitative analysis of the path as a structuring element of the chronotopia in the quixotic journey. For this we base our analysis on the study carried out by the Spanish semioticist José María Paz Gago (1995). We highlight here the structuring in intrigue of the First and Second Parts of "Don Quixote", through the

description of its global macro-sequence, micro-sequences and narrative functions. Together, we explain the features of the adventure journey of Don Quixote and Sancho Panza, based on the existing solidarity between the temporal and spatial dimensions of the Cervantes novel. And, finally, we expose the ways in which the realist poetics of movement in Don Quixote's journey is inextricably linked to the chronotope of the path.

Keywords: Semiotics, narrative, journey, path, chronotopo.

INTRODUÇÃO

O caminho como elemento estruturante da cronotopia na viagem quixotesca é o tema principal deste artigo, cujo *corpus* compreende “El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha” (DQ1, 2015) e “El ingenioso caballero don Quijote de la Mancha” (DQ2, 2015), do escritor espanhol Miguel de Cervantes.

Tentamos abordar aqui alguns traços característicos do motivo da viagem em “Dom Quixote”, optando, em primeiro lugar, pela análise semiótica das suas sequências narrativas. Isto, para explicar a forma como a intriga (o enredo) se desenvolve ao longo do romance, estruturada em macro-sequências, micro-sequências, funções principais (F) e funções secundárias (f). Em segundo lugar, tentamos aqui descrever esquematicamente o conjunto de movimentos e ações das personagens, tanto no seu desenvolvimento cronológico como no seu movimento espacial, ou seja, na sua cronotopia.

Para o efeito, baseamos a nossa análise dos elementos acima referidos no estudo narratológico realizado pelo semioticista espanhol José María Paz Gago (1995: **Uma viagem através da intriga de “Dom Quixote” através da sua macro-sequência global, micro-sequências e funções narrativas.**

Dom Quixote é, sem dúvida, um dos romances mais paradigmáticos e complexos da modernidade. Ao analisar a sua composição e estrutura narrativa, acreditamos que a primeira coisa que um leitor atento faz é identificar a sua instância narrativa. Isto porque é um texto em que prevalece o modo narrativo do discurso, razão pela qual este gênero literário é “enunciado por um narrador que realiza a representação de uma intriga completa” (PAZ GAGO, 1995, p. 172, tradução nossa).

Assim, observamos que a história, ou seja, o conjunto de ações desenvolvidas tanto na sucessão lógica quanto cronológica, é apresentada no texto através de uma disposição específica. Conforme Ricoeur (1984),

esta configuração da história no texto narrativo é chamada, para efeitos deste artigo, a configuração em forma de intriga (enredo), uma vez que é uma componente essencialmente característica da narrativa ficcional.

Devemos também lembrar que, como Paz Gago (1995) assinala, Bremond já descrevia a intriga no século passado “como uma corda formada por fios que são as sequências, cujo entrelaçamento geraria as intrigas mais ou menos complexas” (p. 172, tradução nossa).

Esta é sem dúvida uma “metáfora têxtil” utilizada pelo próprio Cervantes para se referir expressamente à complexidade da estrutura narrativa da sua obra, bem como às histórias e episódios integrados na história. E é da mesma forma que o Cervantes indica: “la cual, prosiguiendo su rastrillado, torcido y aspado hilo, cuenta que [...]” (DQ1, 2015, p. 162).

Além disso, de acordo com Paz Gago (1995), o sentido espanhol do verbo “intrigar” é: provocar um interesse e uma expectativa crescentes nos destinatários “por obtener la mayor información posible sobre el desarrollo lineal y temporal de la acción, información que el enunciador textual va dosificando a su conveniencia” (p. 175).

Assim, uma vez desenvolvida a intriga, como dosagem de informação controlada pela instância narrativa, “no final, o desenlace envolve a satisfação deste desejo cognitivo e produz assim o prazer implícito no texto narrativo ao qual os receptores intradieéticos de Dom Quixote tão insistentemente se referem” (PAZ GAGO, 1995, p. 175, tradução nossa).

Agora, no que diz respeito à estruturação sequencial, podemos salientar aqui que, numa perspectiva semiótica, entende-se que ao referirmo-nos a uma sequência elementar estamos a indicar uma

[...] serie variable y flexible de tres funciones – o acciones consideradas desde la perspectiva de su pertinencia en el desarrollo de la intriga, [...] que se suceden según una lógica natural: la primera función abre la posibilidad de un proceso que se desarrolla en el seno de la segunda función y se cierra en la tercera en forma de resultado alcanzado (PAZ GAGO, 1995, p. 172).

Portanto, observamos que a estrutura de qualquer texto narrativo fictício se baseia na integração destas unidades hierarquicamente dispostas - funções, micro e macro-sequências – no desdobramento geral da trama. Assim, o movimento progressivo apresentado no texto por estas unidades narrativas leva uma situação e as personagens do princípio ao fim, de um conflito inicial à sua solução final, que pode ser, no final, positiva ou negativa (PAZ GAGO, 1995).

De acordo com o método de semiótica narrativa aplicado, podemos observar que a configuração da intriga em “Dom Quixote” é efectivamente adaptada segundo a estruturação sequencial descrita por Claude Bremond ([1973] 1981, p. 66, tradução nossa), formulando uma lógica de acções narrativas “como processos que são desencadeados, desenvolvidos e fechados, gerando assim a história”.

Para este autor, os textos narrativos são susceptíveis de serem sintetizados numa macro-sequência, formada por ‘sequências e micro-sequências interligadas, interligadas ou ligadas, dispostas de forma integrada na dinâmica da intriga geral” (PAZ GAGO, 1995, p. 172, tradução nossa). Portanto, a leitura aqui apresentada é uma das leituras possíveis nas quais podemos observar como a distribuição das sequências narrativas aparece no romance de Cervantes.

Além disso, quando aplicamos este modelo analítico ao romance referido, podemos enxergar que a intriga que forma a espinha dorsal da sua história cobre o período vital do personagem, desde o momento em que ele é afetado pelo delírio causado pela leitura de livros de cavalaria, o que se tornou depois numa monomania cavalheiresca, até ao momento em que ele volta ao seu lar e morre.

Assim, a intriga de “Dom Quixote” poder-se-ia resumir numa macro-sequência global que organiza a história toda, desde o início da Primeira Parte até ao fim da Segunda Parte do romance. Esta é, então, a sua macro-sequência: F1. PARTIDA ----- F2. AVENTURAS -----
- F3. VOLTA.

Portanto, o que dá unidade narrativa a “Dom Quixote”, como a qualquer outra história, é justamente a estrutura trimembre acima indicada:

- a) com um início: F1. a partida,
- b) um desenvolvimento: F2. as aventuras das quais o herói vai em busca para ajudar os necessitados e assim alcançar fama e glória, e
- c) um final: F3. o regresso e a morte do cavaleiro-errante (PAZ GAGO, 1995, p. 173, tradução nossa).

Assim, o que é típico da narrativa cavaleiresca reside na função desencadeadora do processo do enredo (F1). Por outras palavras, isto alude à partida do herói. Desdobra-se em três momentos, nomeadamente: F1. Graças a uma série de informações fornecidas no capítulo 1 da Primeira Parte do romance, “o leitor fica a saber que Alonso Quijano perdeu a cabeça devido à sua leitura desenfreada de livros de cavalaria, um fato que f1_a. o leva a deixar o seu lugar de origem para f2_a. partir em busca de aventura, à maneira dos cavaleiros-errantes” (PAZ GAGO, 1995, p. 173, tradução nossa).

Da mesma forma, podemos observar aqui que a viagem do (anti)herói moderno de Cervantes é estruturada por sua vez em três partidas. A primeira caracteriza-se pelo fato de ser bastante breve, tanto em termos de tempo como de extensão textual. Já que reproduz a sequência geral em apenas cinco capítulos do romance. No final destes, vemos que o novo cavaleiro regressa à sua aldeia acompanhado por um vizinho que o leva até lá. Assim, a primeira sequência narrativa estabelece no início, no conjunto de ações narradas, uma espécie de *mise en abyme*, que antecipa o desdobramento posterior desta mesma estruturação da história.

Assim, podemos olhar que F2. a segunda partida tem lugar no capítulo 7, e com esta f2-1b. começa a longa viagem do Dom Quixote e do seu escudeiro, com abundantes episódios de cavaleirismo e histórias sentimentais intercaladas, narradas no corpo central da Primeira Parte do romance. A macro-sequência F3 fecha novamente com o regresso do (anti)herói à sua casa f3-3b, no final da Primeira Parte. E porque não é um retorno definitivo, o encerramento do processo não é irreversível, de modo que esta função-desenlace permite ao autor retomar a intriga que vai realizar na Segunda Parte (PAZ GAGO, 1995, pp. 173-174, tradução nossa).

De fato, em F3, enxergamos que a mesma macro-sequência é reproduzida na Segunda Parte do romance: f3-1c. partida (correspondente à terceira saída) assim como no Capítulo 7 (da Primeira Parte, que foi também a segunda saída), f3-2c. Uma nova cadeia de aventuras e episódios cavaleirescos e sentimentais, desta vez incorporados na trama geral, f3-3c. e (com o terceiro retorno) o encerramento definitivo desta macro-sequência acontece com a morte do Alonso Quijano, o Bom; embora, antes que isto suceda, ele já tenha recuperado os seu raciocínio.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA VIAGEM DE DOM QUIXOTE DESDE A SUA CRONOTOPIA

Neste ponto, podemos afirmar que a correlação fundamental que existe entre as coordenadas espaciais e temporais pode ser vista na, e a partir da narrativa do romance, através das diversas contribuições interdisciplinares que incluem as ciências naturais, bem como as ciências sociais e humanas.

Isto torna possível ratificar, também na narrativa de Cervantes, a complexa "solidariedade indissolúvel" das dimensões temporo-espaciais. Neste sentido, "a teoria literária salientou decisivamente a correlação essencial das coordenadas espaço-temporais no romance, um fenómeno

ao qual Bakhtin deu o nome de *chronotopia*” (PAZ GAGO, 1995, p. 204, tradução nossa).

Tendo em conta a análise realizada por o Paz Gago (1995, p. 204), podemos observar a *cronotopia* geral do romance e, em particular, o *cronotopo* de viagem, uma construção teórica que, tendo sido formulada por Bakhtin, Paz Gago utiliza para realçar a solidariedade existente entre as dimensões temporal e espacial do romance. Assim, observamos que esta solidariedade entre tempo e espaço é ostensível tanto no mundo real como na ficção narrativa.

Isto permite-nos compreender como a componente espacial do “Dom Quixote” está em perfeita correlação com o seu próprio sistema temporal, como elemento articulador do tema da viagem que se desdobra nas suas páginas.

Deve-se então notar que, para o formalista russo acima mencionado, o tempo e o espaço são duas dimensões que se fundem na figura do caminho, constituindo assim o ‘*cronotopo nuclear*’ do “Dom Quixote”: um elemento que é simultaneamente local e temporal, cuja função principal consiste na distribuição em intriga (enredo) das ações que ajeitam a história do Cavaleiro da Triste Figura. Nas palavras de Paz Gago (1995):

El camino real, con todas sus adyacencias y aledaños - bosques, florestas y prados colindantes; mesones, castillos y ventas; aldeas o ciudades por las que pasa o a las que conduce; caminos vecinales o montañas y sierras que circunda-, es la ruta por la que cabalgan los protagonistas, el espacio donde se materializa el paso del tiempo y donde se desarrollan sus aventuras, convirtiéndose en la encarnación de toda la novela (p. 205).

Como se pode perceber na citação acima, “o caminho” constitui o *cronotopo* temático da viagem do (anti)herói por excelência de Cervantes, enquadrando a intriga de “Dom Quixote” no seu contexto espaço-temporal, onde ocorrem os contínuos encontros que desencadeiam as suas reações cavaleirescas, com as consequentes aventuras provenientes das mesmas.

O acima mencionado permite-nos enxergar, igualmente, que Bakhtin, nas palavras de Paz Gago, circunscreve o *cronotopo* do romance de cavalaria à esfera que também engloba “o mundo maravilhoso na época da aventura” (PAZ GAGO, 1995, p. 205, tradução nossa).

Assim, a operabilidade que esta categoria de análise morfológica nos oferece para o estudo do tema da viagem em “Dom Quixote” e,

consequentemente, da poética do seu movimento, é dada pelo fato de que, tanto “o mundo maravilhoso ficcional” dos romances de cavalaria, bem como o cronotopo do caminho, configuram no romance cervantino “uma síntese cronotópica dos subgêneros cavaleirescos e picarescos, [o que] seria o entrelaçamento paródico do mundo maravilhoso do primeiro e do mundo realista e corriqueiro do segundo” (PAZ GAGO, 1995, p. 205, tradução nossa).

Além disso, podemos observar que Paz Gago, mesmo depois da análise de Bakhtin, vai ainda mais longe ao colocar a categoria analítica do “cronotopo” numa gradação espaçosa e múltipla de elementos estruturantes da narrativa romancista em geral. É aqui que aparece uma série de temas espaciais, ou seja, de cronotopos temáticos, entre os quais refere-se tanto “ao caminho” quanto “ao castelo” (presente também no romance que ocupa a nossa análise) (PAZ GAGO, 1995, p. 205, tradução nossa).

A POÉTICA REALISTA DO MOVIMENTO NA VIAGEM QUIXOTESCA DESDE O CRONOTOPO DO CAMINHO

Não são apenas as referências ao Campo de Montiel como espaço geográfico das aventuras e desventuras narradas na primeira saída de Dom Quixote, ou a utilização de marcadores textuais temporo-espaciais, que nos permitem observar a poética do movimento estabelecida por Cervantes no romance. Mas também, e sobretudo, através da ostensiva referência a vários espaços reais da geografia ibérica, tais como Puerto Lápice, para onde se dirige a viagem de Dom Quixote e Sancho.

Além disso, como xalienta María Bobes Naves, referida por Paz Gago, é a partir “do enquadramento cronotópico de Dom Quixote, [que] os deslocamentos do cavaleiro podem ser seguidos no mapa da Espanha e os dias e noites em que as aventuras acontecem podem ser contados a partir da história” (BOBES NAVES, 1994, p. 132, apud PAZ GAGO, 1995, p. 206, tradução nossa).

Podemos olhar então que o caminho real constitui o cronotopo estruturante no “Dom Quixote”, uma vez que é a via de acesso à esfera de ação e aventura. Assim, o caminho é, acima de tudo, o lugar por excelência dos encontros que se tornam o estímulo para a acometida empreendida pelo cavaleiro-errante. Quer sejam moinhos de vento gigantes, quer um barbeiro com um bacia transformado num capacete mágico, quer uma cadeia de homens condenados; quer rebanhos de ovelhas, frades ou comerciantes que vêm pacificamente ao longo do caminho e encontram Dom Quixote (PAZ GAGO, 1995, p. 209).

Neste sentido, podemos enxergar que, como Paz Gago (1995) adverte, “o cronotopo temático [do caminho] determina o desenvolvimento estrutural do romance [, e,] contribui para a concepção do cronotopo genérico, [ou seja] o universo ficcional realista” (p. 206, tradução nossa).

Assim, o caminho ao longo do qual o cavaleiro e o seu escudeiro cavalgam nas suas andanças, constitui, como salienta Paz Gago (1995):

[...] un correlato ficcional del camino real que efectivamente conducía en la época de Madrid a Sevilla, pasando por Toledo y Córdoba, y de otras rutas adyacentes frecuentadas por los viajeros de la época como la que iba de Toledo a Murcia pasando por el Toboso, o el camino de Cuenca a Granada que atravesaba el Campo de Montiel, con los bosques y valles, caminos comarcales o vecinales que de él partían o en él desembocaban (p. 205).

No entanto, podemos observar que se trata de uma topografia poética, ou uma geopoética. Seria, portanto, um completo erro exigir que o romance de Cervantes funcionasse como uma cartografia topográfica ou geográfica, uma vez que tal exigência de rigor científico é de fato inadequada para um contexto ficcional (PAZ GAGO, 1995, p. 206).

Em suma, na nossa análise do cronotopo de viagem na Primeira e Segunda Partes do “Dom Quixote”, podemos observar que repetidamente Dom Quixote e Sancho seguem o mesmo caminho, embora nem sempre na mesma orientação.

E isto estabelece uma constante nas suas andanças, além de demonstrar a tese de Bakhtin de que o caminho estabelece o sistema estruturante concreto do romance de aventura. Consequentemente, podemos afirmar que, como o caminho é concebido em Dom Quixote, se constitui o lugar por excelência onde tanto o itinerário físico como a trajetória existencial dos personagens progridem ao mesmo tempo.

Como exemplo ilustrativo, deve notar-se que o desenvolvimento da trama da Segunda Parte de Dom Quixote avança no contexto do cronotopo temático do caminho para Zaragoza, que o cavaleiro e o seu escudeiro seguem, determinando a progressão temporal e espacial da trama: “Dom Quixote e Sancho voltaram para continuar a sua viagem a Zaragoza, onde a história os deixa, para dar conta de quem era o cavaleiro dos Espelhos e o seu escudeiro narigante” (DQ2 2015, p. 549). 549).

Como salienta Paz Gago (1995):

[...] se trata del ámbito espacio-temporal propicio a los largos coloquios sobre la vida y la literatura, sobre las

armas y las letras[...] donde irrumpen personajes sacados de aquellas novelas de caballerías constantemente evocadas por el protagonista, personajes de su mismo mundo que simulan, casual o intencionalmente, pertenecer a otros mundos de ficción (diablos y ángeles, la mismísima muerte, fieras o verdaderos caballeros andantes) (p. 215).

O resumo da intriga apresentado na citação acima permite-nos confirmar que, na Segunda Parte, o cronotopo temático do caminho é um elemento inextricável em todo o processo de construção da intriga no romance de Cervantes. E, ao serem transmutadas numa espécie de palco teatral, as velhas intrigas dos romances de cavalaria ganham vida nele, através da representação teatral dos mesmos pelos personagens nas suas caracterizações fingidas, como no caso do Cavaleiro da Floresta e do seu escudeiro.

Outro exemplo que gostaríamos de destacar é a saída de Sancho para a ilha Baratária. Uma vez que Sancho tenha partido para a ilha que vai governar, a separação de ambos os protagonistas implica uma divisão na trama principal, através da segmentação em duas esferas espaciais e duas ações diferenciadas para o mesmo período do tempo em que a história tem lugar, protagonizada pelo Dom Quixote no palácio ducal e pelo seu criado na ilha.

Como Paz Gago (1995) assinala, aqui se faz referência a duas variantes do cronotopo temático diretamente relacionadas com o cosmos fictício dos romances de cavalaria: o castelo e a ilha. Dois recintos espaciais típicos e intimamente ligados ao espaço das maravilhas e das aventuras cavalleirescas. Segundo Bakhtin, esta esfera compreende os "elementos temáticos constituintes" desse tipo de narrativas que são os hipotextos parodiados no romance de cervantino (PAZ GAGO, 1995, p. 219, tradução nossa).

Mais tarde, quando os protagonistas estão a caminho a casa, podemos observar que o fluxo temporal encontra a sua manifestação mais exacta no cronotopo que configura ao caminho. De fato, o caminho, como podemos olhar na presente análise, é estabelecido como figura essencial na poética do movimento de "Dom Quixote", segundo os aspectos espaciais, temporais e dialógicos mais comumente empregues no texto: "Nestas razões e conversas passou todo aquele dia, e mesmo outros quatro, sem que nada lhes acontecesse que lhes impedisse a viagem; e no quinto dia..." (DQ2, 2015, pp. 782, 785 e 797, tradução nossa).

Finalmente, é de notar que o percurso dos protagonistas ao longo deste caminho no romance cervantino traça a figura geométrica de um círculo. Esta figura, que por sua vez envolve uma dupla dimensão espacial e temporal, abrange também a progressão da intriga principal,

direccionando-a para o seu desnudamento definitivo. Assim, o cronotopo, a espinha dorsal da história, torna-se não só um fenómeno circunstancial complexo, mas também, e sobretudo, um elemento central da própria trama, que avança rapidamente para o seu fim. Na mesma medida em que o dono e o servo seguem o caminho que os leva definitivamente de volta à sua terra natal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo apresentamos o nosso percurso metodológico através da semiótica narrativa do caminho como elemento estruturante da cronotopia no percurso de “Dom Quixote”, com base no estudo realizado pelo semiótico espanhol José María Paz Gago (1995). Para o fazer, levamos em conta, antes de mais, a estruturação em ingrida do “Dom Quixote” através da sua macro-sequência global, micro-sequências e funções narrativas sintetizadas no esquema seguinte: F1. PARTIDA ----- F2. AVENTURAS ----- F3. VOLTA.

Em segundo lugar, explicamos algumas características da viagem de Dom Quixote a partir da sua cronotopia, a fim de mostrar a solidariedade existente entre as dimensões temporal e espacial do romance cervantino. E, finalmente, explicamos como a poética realista do movimento na viagem de “Dom Quixote” está indissociavelmente ligada ao cronotopo do caminho.

REFERÊNCIAS

BREMOND, C. La logique des possibles narratifs. **Analyse structurale du récit**. Paris: Seuil, Communications, n. 8, [1973] 1981. p. 66-82. (Mimeografado).

CERVANTES, M. Don Quijote de la Mancha. DQ1. FIGAREDO, E. S. (ed.). **Lemir**, v. 19 (2015) - Textos - Conmemoración IV Centenario de DQ2, 2015. p. 1-478. Disponible en: https://parnaseo.uv.es/Lemir/Revista/Revista19/Textos/Quijote_1.pdf. Consulta en: 01 mayo 2019.

CERVANTES, M. Don Quijote de la Mancha. DQ2. FIGAREDO, E. S. (ed.). **Lemir**, v. 19 (2015) - Textos - Conmemoración IV Centenario de DQ2, 2015. p. 479-928. Disponible en: https://parnaseo.uv.es/Lemir/Revista/Revista19/Textos/Quijote_1.pdf. Consulta en: 05 de jun. 2019.

PAZ GAGO, J. M. **Semiótica del Quijote**. (Teoría y práctica de la ficción narrativa). Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1995. 432 p. Disponible en:

https://www.researchgate.net/publication/318842_399_Jose_Maria_Paz_Gago_Semiotica_del_QUIJOTE_Teoria_y_practica_de_la_ficcion_narrativa_Rodopi_Amsterdam-Atlanta_1995_432_pp. Consulta en: 3 jul. 2019.

RICOEUR, P. **Tiempo y narración I**. (Configuración del tiempo en el relato histórico). Traducción: Agustín Neira. México: Siglo XXI, 2004.

RITA, A. Mise en abyme. In: CEIA, C. (ed.). **EDicionário de termos literários**. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mise-en-abyme/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

SUBMETIDO EM: 29/09/2022

ACEITE EM: 11/12/2022